

LURDES PINTASSILGO E OS INCIDENTES EM MONTEMOR-O-NOVO

# A BIPOLARIZAÇÃO DEVE SER EVITADA

• *O primeiro-ministro fala amanhã na ONU*

«Torna-se nítida a bipolarização no País. É importante que todos os portugueses se furtem a essa tentação de bipolarização» — afirmou, ao princípio da tarde de ontem, antes de partir para Nova Iorque, onde amanhã discursará na Assembleia Geral das Nações Unidas, a Eng.ª Maria de Lurdes Pintassilgo.

Nesta sua deslocação à ONU, o primeiro-ministro é acompanhado pelo secretário de Estado-adjunto, Maria Teresa Santa Clara Gomes, e

(CONTINUA NA 3.ª PÁGINA)

Fundação Cuidar o Futuro



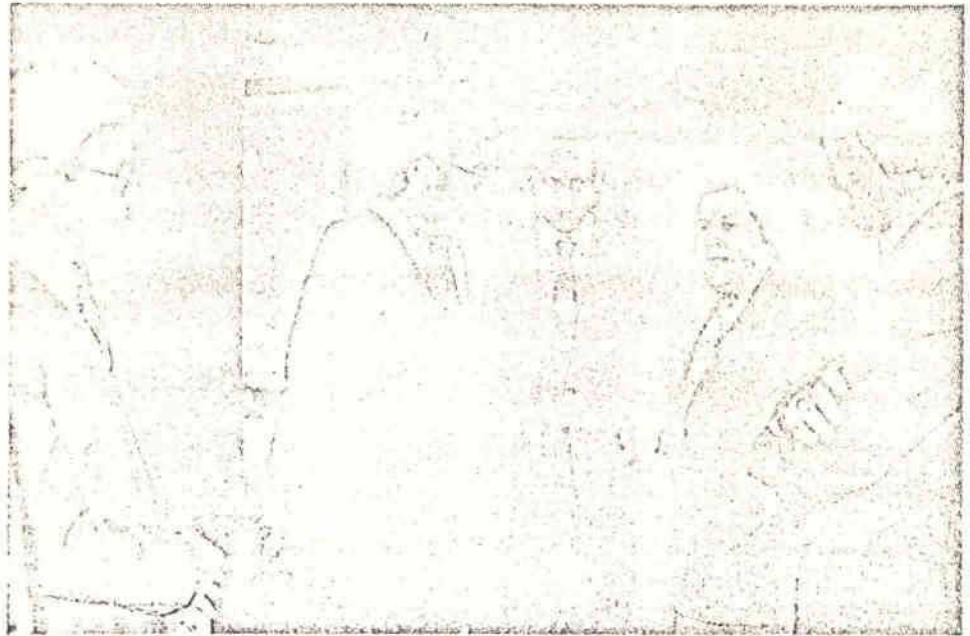
# Pintassilgo denuncia tentativas de perturbar a paz social no País

➤ Continuação da 1.ª página

pelo seu assessor diplomático, Paulouro Neves.

A opinião de que a bipolarização deveria ser evitada foi manifestada pelo primeiro-ministro quando respondia a uma das questões que lhe foram postas pelos jornalistas acerca das consequências humanas e políticas decorrentes dos incidentes de Montemor-o-Novo. Lurdes Pintassilgo sublinhou, a propósito, que as consequências políticas estavam formuladas nas declarações já vindas a público, e que se assim falava não era por ser primeiro-ministro, ao qual não cabem qualidades especiais de prognósticos em relação ao futuro.

No entanto, observou não aceitar, nem de nenhuma maneira compreender, que dirigentes que se dizem ligados ao povo, ou que falam em nome desse povo, polarizem as suas posições e até as accentuem. Referiu, por outro lado, ser chefe de um Executivo que deseja «garantir a acalmia e a serenidade». E



Lurdes Pintassilgo — na imagem à partida para Nova Iorque — representará o nosso país nas Nações Unidas, discursando, amanhã, perante a Assembleia Geral daquela organização internacional

acrescentou: «Posso dizer que não há esforço humano que não possa vencer barreiras de separação para unir aquilo que está dividido».

## ● «PARTO DIVIDIDA»

Na mesma linha de pensamento, Maria de Lurdes Pintassilgo sublinhou que, «perante os males que nos afligem, perante os problemas da Humanidade e os nossos próprios problemas, é muito mais importante aquilo que nos une que aquilo que nos separa».

E acrescentou: «Parto, de certa maneira, dividida. Dividida, porque o País se encontra neste período face a problemas que considero graves, e cuja origem não me é possível ainda determinar completamente, nem interpretar, mas que corresponde claramente a uma tentativa de perturbação da paz social e do entendimento que o Governo a que presido queria construir».

Ainda nesse quadro, o primeiro-ministro pôs o acento tónico no facto de «alguns círculos» aguardarem que a sua destocação oficial à ONU não fosse apenas adida de 24 horas, com a realização de uma reunião extraordinária do Conselho

de Ministros, mas anulada «de uma forma completa». Na circunstância, afirmou que, «sem querer voltar a questão nem fazer processo de intenção quanto a esse desejo, não quero deixar de accentuar que, em termos estritamente pessoais, nunca me furtel às responsabilidades que me cabem como representante do meu país».

O Governo não alterará em nenhuma virgula o programa político que definiu e apresentou à Assembleia da República. Foi o próprio primeiro-ministro quem o assegurou, antes de partir para Nova Iorque, chamando a atenção para o facto de esse programa respeitar a todos os sectores.

«O Governo vai continuar a executar esse programa», realçou, «com toda a sua energia, com todas as possibilidades de que dispõe, tentando, simultaneamente, encontrar a cada passo as formas mais correctas da sua realização. É a ele que é fiel, uma vez que tomou o compromisso, perante o povo representado na AR, de o levar a cabo».

## ● REAFIRMAR PRESTÍGIO INTERNACIONAL

Maria de Lurdes Pintassilgo respondeu também a perguntas relacionadas com a política externa portuguesa. Fazendo o ponto da situação das relações de Portugal com os países árabes,

frisou que, desde o 25 de Abril, Portugal tem «mantido uma posição clara» relativamente à aproximação com os referidos países.

Sallentando que essa mesma posição era «bem conhecida», nomeadamente na ONU e no seu Conselho de Segurança, explicitou-a, como sendo marcada pelo «apoio a todas as tentativas de paz» para o Médio Oriente, o «reconhecimento da situação de facto e do direito de Israel à existência como Estado» e ainda o «encorajamento à criação de uma pátria palestina».

Quanto ao teor da sua intervenção na Assembleia das Nações Unidas, Lurdes Pintassilgo, frisou que «os pontos principais» do que pretende ali dizer se enquadraram num balanço da década de 70.

«Tentarei analisar as mais importantes decisões da ONU nesta década, para poder abrir perspectivas para a década de 80», afirmou.

A participação de Portugal na Assembleia Geral das Nações Unidas, segundo depois sublinhou, visa «dentar que o nosso país tenha o lugar que merece e lhe cabe no concerto das 150 nações» aí representadas, e reafirmar a nossa posição e prestígio internacional. A propósito, accentuou que o sul da Europa atravessa «uma fase crítica», e que a presença de Portugal é «importante para o equilíbrio das forças no mundo».

Da agenda da visita do primeiro-ministro aos EUA, constam, para além da já referida intervenção na ONU, uma reunião com o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance e uma audiência com o papa João Paulo II.